

**A COEXISTENCIA DE DEUS E O MAL EXISTENTE NO MUNDO, SEGUNDO  
HANS JONAS  
THE COEXISTENCE OF GOD AND THE EVIL THAT EXISTS IN THE WORLD,  
ACCORDING TO HANS JONAS**

André Cardoso Lopes<sup>1</sup>  
Mukabi Misik Senga Pierre<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse nosso artigo tem como título *Análise do Conceito de Deus após Auschwitz*. O objetivo central, da reflexão deste trabalho se dá a partir da coexistência de Deus e do escândalo do mal a partir da obra, *O Conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*, de Hans Jonas. O Ponto de partida é uma pergunta de Hans Jonas sobre o eixo central de toda sua tese acerca do “Problema” de Deus: O que fez Auschwitz adicionar ao que sempre se pôde saber sobre a extensão das coisas terríveis e horrendas que os seres humanos podem fazer a outros seres humanos e que desde tempos imemoriais tem feito? No segundo momento, levantou-se o mito jonasiano em direção ao conceito com o qual estamos a trabalhar. Segundo Jonas, Deus ao ser um pai próximo e cuidadoso com a sua criação, se expõe ao devir temporal deixando portando, de lado sua autossuficiência. É bom observar que desde o início da criação fora a ele atribuído a renúncia toda sua soberania para se voltar a existência mundana, que através do livre-arbítrio dado aos homens, transfere responsabilidades e cria-se uma dependência da parte dos homens. Hans Jonas, finaliza seu ensaio, ressaltando a insuficiência de tudo o que foi exposto para desvendar a ideia de um Deus infinitamente bom e todo poderoso, que segundo ele, não pode ou não quer sanar o mal que habita no mundo.

**Palavras-chave:** Conceito de Deus; o mal; livre arbítrio, Auschwitz; coexistência; autossuficiência e impotência.

**ABSTRACT:** This article is entitled Analysis of the Concept of God after Auschwitz. The central objective of the reflection of this work is based on the coexistence of God and the scandal of evil based on the work, *The Concept of God after Auschwitz: a Jewish voice*, by Hans Jonas. The starting point is a question from Hans Jonas about the central axis of his entire thesis about the “Problem” of God: What did Auschwitz add to what could always be known about the extent of the terrible and horrendous things that human beings can do? do to other human beings and have done since time immemorial? In the second moment, the Jonasian myth was raised towards the concept with which we are working. According to Jonah, God, by being a close and careful father with his creation, exposes himself to temporal development, leaving

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano (UNISALES). E-mail: andrelopes2515@gmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Filosofia no Institut Saint André Kaggwa, Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Letras da Universidade São Francisco-Pari/São Paulo, graduação em Teologia - Facultés de Théologie Saint Eugène de Mazenod, Mestre e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. (PUCSP), Professor de filosofia pelo Centro Universitário Salesiano Vitoria-ES (UNISALES).  
Email: Mpierre@souunisales.com.br

aside his self-sufficiency. It is good to note that since the beginning of creation it was attributed to him to renounce all his sovereignty to return to worldly existence, which through the free will given to men, transfers responsibilities and creates dependence on the part of men. Hans Jonas ends his essay, highlighting the insufficiency of everything that has been exposed to unveil the idea of an infinitely good and all-powerful God, who, according to him, cannot or does not want to remedy the evil that lives in the world.

**Keywords:** Concept of God; the evil; free will, Auschwitz; coexistence; self-sufficiency and powerlessness.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título Análise do Conceito de Deus após Auschwitz; e tem como objetivo central, a reflexão de como se dá a coexistência de Deus e o escândalo do mal a partir da obra, O Conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia, de Hans Jonas. Deste modo, buscaremos analisar o mito jonasiano, como se pode compreender a relação entre Deus e o mal causado no episódio de Auschwitz, sobre a perspectiva Hans Jonas.

A princípio, apresentaremos a Obra que vai nortear toda a nossa pesquisa: O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia. Na presente obra, Hans Jonas discorre sobre um grande acontecimento que marcou toda humanidade de uma forma negativa, que foi a segunda guerra mundial, uma catástrofe que foi capaz de matar milhares e milhares de pessoas simplesmente por um desejo humano de poder e soberania. Tantos e tantos milhões de pessoas tiveram suas vidas arrancadas de suas próprias mãos a troco de nada. Após perder sua família para o poder nazista, Jonas se questiona sobre o conceito de Deus em meio toda aquela atrocidade.

E Deus deixou isso acontecer. [Mas] que Deus poderia deixaria isso acontecer? Aqui devemos notar que, nessa questão, o judeu está em maior dificuldade teórica do que o cristão. (H. JONAS. 2006, p.19)

Desta forma, Jonas busca fazer uma reflexão utilizando como cenário o campo de concentração de Auschwitz onde – relatado pela história- foi um lugar onde o mal radical prevaleceu. Mal esse, que na visão do autor, não existe argumentos e nem motivos para explica-los, pois dentro desse conceito, não existia nenhuma culpabilidade, nem mártires, mas se trata de um evento de magnitude única e incompreensível. Dentro dessa perspectiva, mesmo o crente que tem sua fé estabelecida no conceito de que Deus é o senhor da história, se questiona ao olhar para Auschwitz, e assim o homem se questiona acerca da existência de um Deus que seja capaz de permitir tais acontecimentos e qual conceito é agora formulado por ele.

Hans Jonas parte de uma pergunta que é o eixo central de toda sua tese acerca do “Problema” de Deus: O que fez Auschwitz adicionar ao que sempre se pôde saber sobre a extensão das coisas terríveis e horrendas que os seres humanos podem fazer a outros seres humanos e que desde tempos imemoriais tem feito?

Segundo Jonas, a questão de ‘Jó’ foi desde sempre a questão principal da teodiceia geral, que seria a causa da existência do mal como tal no mundo, que torna mais

intenso o enigma da eleição, ou seja, da suposta aliança entre Israel e seu Deus. Para o filósofo, acerca da questão do mal, pode-se usar como saída para essa explicação, o anúncio dos profetas, no qual o mal recai sobre aquele povo que foi infiel a aliança. Por outro lado, ao longo da história de fidelidade do povo, que se seguiram de punição e culpa, não podiam fornecer explicações, então deram o nome de ‘testemunho’, que posteriormente legaria o conceito de Mártir, que de modo preciso, significa que os inocentes e os justos sofrem o pior. Após isso, ao longo dos séculos, comunidades inteiras encontram a morte através de espadas e fogo com a confissão de unicidade de Deus e esses abatidos foram chamados de ‘santos’. É com esses santos que através de seus sacrifícios brilhou a luz da promessa, da final redenção através da vinda do messias. Mas para H. Jonas, nada disso serve mais para lidar com o evento para o qual Auschwitz se tornou, não pode ser explicado nem como fidelidade ou infidelidade, crença ou descrença, nem culpa ou punição. Segundo o autor, tudo isso se dá por conta do livre arbítrio dado ao homem por Deus, que o tornou assim impotente para intervir nas ações humanas, causando tais atrocidades na sociedade.

No segundo momento, partiremos do mito jonasiano em direção ao conceito com o qual queremos trabalhar. Segundo Jonas, Deus ao ser um pai próximo e cuidadoso com a sua criação, se expõe ao devir temporal deixando portando, de lado sua autossuficiência – que desde o início da criação fora a ele atribuído – renuncia toda sua soberania para se voltar a existência mundana, que através do livre-arbítrio dado aos homens, transfere responsabilidades e cria-se uma dependência da parte dos homens. Com isso, segundo o autor, Deus se coloca em uma posição de grande perigo e corre um grande risco, tendo em vista que a humanidade não está nem perto de alcançar a perfeição.

Hans Jonas, finaliza seu ensaio, ressaltando a insuficiência de tudo o que foi exposto para desvendar a ideia de um Deus infinitamente bom e todo poderoso, que segundo ele, não pode ou não quer sanar o mal que habita no mundo: “qual é verdade, se houver, não podemos saber quanto a nenhuma das respostas já tentadas” (JONAS, 2016, p.36). e encerra dizendo que tudo isso não passa de balbucios diante de um mistério.

O intuito principal do presente trabalho não é outro senão entender na visão do autor, como pode se dar a coexistência de Deus e o horror do mal presente no mundo, principalmente na atrocidade feita em Auschwitz, além de mostrar como Deus coloca sobre o homem a responsabilidade nos seus atos, para que este como guardião da criação escolha a partir do seu agir moral.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como objetivo central, apresentar uma reflexão acerca da coexistência de Deus e o horror do mal no mundo a partir da obra, O Conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia, de Hans Jonas, que procura responder uma dúvida que perdura ao longo dos tempos em meios aos acontecimentos catastróficos que ocorrem na sociedade. Quando acontece alguma atrocidade na humanidade, grande parte dela se pergunta: “Onde está Deus? Ou até mesmo: “Como Deus pode permitir que tudo isso aconteça? De igual modo, Hans Jonas parte de uma pergunta que norteia toda sua tese acerca do “Problema” de Deus: O que fez Auschwitz

adicionar ao que sempre se pôde saber sobre a extensão das coisas terríveis e horrendas que os seres humanos podem fazer a outros seres humanos e que desde tempos imemoriais tem feito? Sendo assim, para responder a tais perguntas, buscaremos em nosso trabalho apresentar as reflexões do autor e a novidade por ele criada. Como o autor passa do mito da história da religião ao longo do tempo e, como ele conceitua esse mito para que sua análise não seja presa somente a uma soteriologia.

Desta maneira, para que alcancemos tal objetivo, todos os dados desta pesquisa serão coletados por meio de pesquisa bibliográfica. Deste modo, como principal utilizaremos as obras de Hans Jonas que são: - O Conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia, que é de onde nasci a nossa pesquisa, onde todo o mito é apresentado pelo autor; Matéria, espírito e criação, onde buscamos alguns pensamentos importantes do nosso autor; - O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica, que vai tratar acerca da responsabilidade do homem, que é um dos pontos centrais da nossa pesquisa. Traremos a contribuição de comentadores de Hans Jonas e em especial de dois artigos: Hans Jonas e a reflexão sobre Deus e ética após Auschwitz, por Luiz Fernando Pires Dias, publicado em 2023 na revista Último Andar da PUC-SP; Hans Jonas e a fragilidade de Deus: O elemento teológico da responsabilidade ética antro cósmico, pelo Dr. Alexandre Marques Cabral, Publicado em 2017 pela revista Cadernos Cajuína.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 O CONCEITO DE DEUS APÓS AUSCHWITZ**

Na obra O conceito de Deus após Auschwitz, Hans Jonas discorre sobre um grande acontecimento que marcou de forma negativa toda humanidade que foi a segunda guerra mundial. Aquela guerra foi uma catástrofe capaz de matar milhares e milhares de pessoas simplesmente por um desejo humano de poder e soberania. Foram milhões de pessoas que tiveram suas vidas arrancadas de suas próprias mãos a troco de nada. Desta maneira, após perder sua família para o poder nazista, o autor se questiona sobre o conceito de Deus em meio a toda aquela atrocidade.

Desta forma, Hans Jonas busca fazer uma reflexão utilizando como cenário o campo de concentração de Auschwitz, onde relatado pela história, como o lugar onde o mal radical prevalecia. Mal esse, que na visão do autor, não existiria argumentos e nem motivos para explica-los, pois dentro desse conceito, não existia nenhuma culpabilidade, nem mártires, mas se tratava de um evento de magnitude única e incompreensível. Dentro dessa perspectiva, mesmo o crente que tem sua fé estabelecida no conceito de que Deus é o senhor da história, se questiona ao olhar para Auschwitz, e assim o homem se questiona acerca da existência de um Deus que seja capaz de permitir tais acontecimentos. É esse conceito que agora é formulado pelo nosso autor.

##### **3.1.1 A improvidência Divina**

Diante de todo o acontecimento, o verdadeiro lugar desse estudo é o de um pensamento que tenha como base tudo aquilo que se pode tirar como aprendizagem do passado para ir além do que a probidade intelectual nos permite, quando se trata de um lado examinar as origens das coisas e para onde a humanidade deve caminhar. Trata-se também de tentar encontrar um sentido a todo aquilo que colocou em dúvida o sentido do nosso devir histórico: a atrocidade moral de Auschwitz. Ademais, esses dois aspectos, estão diretamente ligados na medida em que o plano catastrófico de extermínio de judeus fez com que ocorresse a perda de confiança no ideal humano.

Ele se apresenta, ao contrário, como um escrito que retoma os resultados anteriores do processo de pensamento filosófico, a fim de apresentar uma tentativa de resposta a um problema moral muito específico, aquele do sentido do mal radical no seio de um mundo do qual ele compromete, portanto, o valor. (JONAS, 2006, p.8).

O mal provocado naqueles homens, mulheres e crianças de fé e origem judaica, não afeta somente aquele público, mas sim toda a humanidade, uma vez que, atacando um extremo (nesse caso religioso) imediatamente se torna um atentado a toda universalidade humana.

A princípio, parece que a origem do mal continua na liberdade humana de escolher algo diferente de Deus. Contudo, a diferença é que Hans Jonas compreende que Deus não permitiu a existência do mal, mas que Deus coloca o destino do homem nas suas próprias mãos como o próprio destino do mundo. Assim a nossa condição humana pressupõe uma relação com uma transcendência que lhe dê sentido. No entanto, na mortal vulnerabilidade do homem, quando este escolhe renunciar a necessidade do metafísico para poder encontrar respostas, ele escolhe ao contrário da sua essência, ou seja, escolhe diferente de Deus e este se torna impotente diante da criação, para preservar sua autonomia.

Ao longo da história, o problema do mal era entendido de outras maneiras, como por exemplo, segundo o autor, a questão: “A questão de Jó foi desde sempre a questão principal da teodiceia, a causa da existência do mal como tal no mundo, e da teodiceia particular, que exacerba o enigma da eleição, da suposta aliança entre Israel e seu Deus (H. JONAS, 2006, p. 19). Para o filósofo, acerca da questão do mal, pode-se usar como saída para essa explicação, o anúncio dos profetas, no qual o mal recai sobre aquele povo que foi infiel a aliança. Por outro lado, ao longo da história de fidelidade do povo, que se seguiram de punição e culpa, não podiam fornecer explicações, então deram o nome de ‘testemunho’, que posteriormente legaria o conceito de Mártir, que de modo preciso, significa que os inocentes e os justos sofrem o pior. Após isso, ao longo dos séculos comunidades inteiras encontram a morte através de espadas e fogo com a confissão de unicidade de Deus, e esses abatidos foram chamados de ‘santos’, que através de seus sacrifícios brilhou a luz da promessa, da final redenção através da vinda do messias.

Não pelo amor de sua fé as vítimas morreram (como morreram, afinal, as “Testemunhas de Jeová”), nem por causa de sua fé ou por qualquer autodeclarado desvio de seu ser como pessoas foram assassinadas. A desumanização pela absoluta degradação e privação precedeu suas mortes, nenhum vislumbre de humanidade foi deixado àqueles destinados a solução final. (H. JONAS, 2006).

Mas para H. Jonas, nada disso serve mais para lidar com o evento pelo qual Auschwitz se tornou. O fato não pode ser explicado nem como fidelidade ou infidelidade, crença ou descrença, nem culpa ou punição. Segundo o autor, tudo isso se dá por conta do livre arbítrio dado ao homem por Deus, que o tornou assim impotente para intervir nas ações humanas, causando assim tais atrocidades na sociedade. Quando o homem tem toda consciência sobre a sua liberdade, qual liberdade lhe foi dada – pelo livre arbítrio - como se fosse um dom supremo. Contudo, essa situação se revela ser uma faca de dois gumes, onde segundo Hans Jonas, a inocência de uma busca de vida pela autorrealização, cede lugar para a uma carga da responsabilidade sob a disjunção do bem e do mal.

Após o acontecimento de Auschwitz, pode-se afirmar com mais clareza do que nunca que uma divindade onipotente ou teria que não ser boa ou totalmente ininteligível. Contudo, segundo Hans Jonas, devemos sustentar que Deus deve ser inteligível de alguma força e em certa medida, então sua bondade deve ser compatível com a existência do mal, e isso ocorre somente se ele não for todo-poderoso. Deste modo, o autor coloca em xeque um conceito primordial em relação a Deus desde a teologia medieval, afirmando assim, que o poder de Deus é visto como limitado, uma vez que concede ao homem tal liberdade para tomar suas decisões, e deste modo renuncia a sua onipotência.

### **3.2 DO MITO AO CONCEITO**

Após apresentar de modo especulativo seu mito sobre a improvidência divina, baseando-se na catástrofe de Auschwitz, Hans Jonas, começa a conceituar de forma lógica racional o mito para resgatar as imagens necessárias e construir suas considerações. Hans Jonas, se utiliza a priori do mito para conseguir buscar uma significação que fosse capaz de ir além das capacidades racionais e depois realizar a passagem da inspiração que o metafísico proporciona para o conceito empírico da realidade humana que ele deseja apresentar.

Manter a opacidade manifesta do mito transparente para o inefável é, de certo modo, mais fácil do que manter a suposta transparência do conceito transparente para aquilo em relação a que ele é, de fato, tão opaco como qualquer outra linguagem deve ser. O mito tomado literalmente, é a objetivação mais grosseira. O mito tomado alegoricamente, é uma objetivação sofisticada. O mito tomado simbolicamente, é o espelho no qual nos vemos obscuramente (JONAS, 2016a, p.361).

Ao desintegrar o mito do conceito, a primeira ideia apresentada por Jonas, está relacionada ao sofrimento de Deus, que segundo o autor, à primeira vista, pode coincidir com a ideia bíblica de um sofrimento divino, mas Jonas logo afasta essa ideia. “Há, naturalmente, uma conotação cristã do termo “Deus que sofre” com o qual meu mito não deve ser confundido” (JONAS, 2016, P.25). Com isso, é descartado o parentesco de sua ideia com o sofrimento divino que foi fundado na encarnação do verbo e na crucificação em vista da salvação humana. A ideia jonasiana é que: “[...] a relação de Deus para com o mundo, a partir do momento da criação e, a partir da criação do homem nele, envolve sofrimento da parte de Deus” (JONAS, 2016, p.25).

Ademais, Jonas vai dizer que essa ideia que antes ele disse ser: “prima facie”, colide com a ideia da bíblia de um Deus que é menosprezado e rejeitado pelo homem e até

mesmo chega a ficar de luto por ele, uma vez que, podemos encontrar nas sagradas escrituras, lamentações de Deus após ter criado o homem e se decepcionado com a sua falta de fidelidade: “lembramos o profeta Oseias e o amor de Deus lamentando por Israel, sua esposa infiel” (JONAS) 2016, p.26).

No segundo momento, Jonas vai dizer sobre um devir de Deus, Deus que é devir, ou seja, um Deus que se torna claro ou compreensível, que se expressa ou se manifesta com o tempo, em vez de possuir um ser concluído, deste modo, Jonas descontrói a imagem imutável, impassível e atemporal da divindade de Deus. Neste ponto, trata-se de um Deus que está condicionado a esse devir e subordinado a temporalidade que o faz mudar continuamente. Jonas tem a noção de que essa ideia de um Deus que é devir, não está em consonância com as tradições platônico-aristotélica, como no pensamento teológico judaico-cristão, ambas que afirmam um Deus totalmente acabado, perfeito e terno, criador que dá sentido a existência de todas as coisas. Para Jonas, o devir de Deus se dá pelo fato de que ao estar inserido na temporalidade do mundo, ele é afetado pelo que acontece e mundo e, isso significa que ele pode ser alterado de acordo como o mundo está caminhando.

Mesmo para além do fato de que a criação como tal – o próprio ato e o efeito duradouro mesmo depois de tudo – foi uma mudança decisiva no estado do próprio Deus, na medida em que ele agora não está mais sozinho, sua contínua relação com a criação, uma vez que esta existe e se move no fluxo do devir, significa que ele experimenta algo com o mundo, que seu próprio ser é afetado pelo que acontece nele (JONAS, 2016, p. 26).

A ideia do devir de Deus, tem como característica a destruição da ideia de um eterno retorno do mesmo, que se choca com a noção do eterno retorno proposta por Nietzsche que vai contrapor a metafísica judaico-cristã. No mito apresentado por Hans Jonas, ele defende a ideia de divindade que é constantemente alterada pelos acontecimentos fenomênicos do mundo, ou seja, ao se apresentar e participar desse mundo, Deus transforma-se de modo ininterrupto no fluxo do mundo. “[...] nunca pode haver um retorno do mesmo, porque Deus não será o mesmo depois de ter passado pela experiência de um mundo processo” (JONAS, 2016, p.27).

Segundo Jonas, Deus ao ser um pai próximo e cuidadoso com a sua criação, se expõe ao devir temporal deixando portando, de lado sua autossuficiência – que desde o início da criação fora a ele atribuído – renuncia toda sua soberania para se voltar a existência mundana, que através do livre-arbítrio dado aos homens, transfere responsabilidades e cria-se uma dependência da parte dos homens. Com isso, segundo o autor, Deus se coloca em uma posição de grande perigo e corre um grande risco, tendo em vista que a humanidade não está nem perto de alcançar a perfeição.

O fato é que das duas uma: ou o Deus Único não existe (embora possa existir mais de um), ou o Único deu a um agente diferente de si mesmo, embora criado por ele, o poder e o direito de agir por conta própria, e com isso um espaço para, ao menos, determinar, o que seria uma atribuição dele. É por isso que eu disse que o Deus amoroso não é um feiticeiro. De alguma forma ele, por um ato de qualquer inescrutável sabedoria, amor ou qualquer outra coisa que pode ter sido o motivo divino, renunciou à garantia de sua autossatisfação por seu próprio poder, depois que primeiramente, pelo fato de criação em si, renunciou a ser “tudo em todos” (JONAS, 2016, p. 28).

Com isso, chegamos ao que o autor chama de o ponto mais crítico de sua aventura especulativa teológica: um Deus que não é onipotente. Hans Jonas, argumenta que

não pode defender a doutrina – dogmatizada desde o tempo medieval – do ilimitado poder de Deus e, para fazer esse caminho, ele se utiliza de uma perspectiva lógica. De acordo com o filósofo, a onipotência é um conceito autocontraditório e totalmente sem sentido algum, uma vez que, “Poder total, absoluto significa poder não limitado por nada, nem mesmo pela simples existência de algo que não seja o possuidor desse poder [...]” (JONAS, 2016, p. 29).

Segundo o autor, um poder o qual não existe algo que seja capaz de contrapor sua autoridade, se torna sem sentido e inútil. Deste modo, o poder que é absoluto não encontra nada sobre o qual agir. Mas por outro lado, um poder que não tem nenhum objeto se torna um poder impotente, anulando a si mesmo, “‘tudo’ fica igual a ‘zero’ aqui [...]” (JONAS, 2016, p.29). Para Jonas, para que um poder aja, é preciso que aja outro, contudo, tendo outro, este não se torna mais todo poderoso, mesmo que mediante a comparação de poderes, fosse superior, a existência de um outro limita o mais poderoso. “Em suma, não pode ser que todo poder esteja do lado de um único agente. O poder deve ser dividido de modo que haja algum poder final” (JONAS, 2016, p. 30).

Partindo dessa objeção lógica e ontológica, Jonas apresenta também uma objeção teológica sobre a onipotência divina. Tendo em mente a existência do mal no mundo, Jonas afirma que, os três atributos divinos, a saber, inteligibilidade, bondade e onipotência, não podem coexistir. Deste modo, se levanta uma discussão sobre a necessidade de excluir um dos três, preservando uma conciliação lógica sobre a reflexão de Deus.

O primeiro ponto dessa discussão, segundo o autor, está no fato de que somente um Deus inacessível, seria dotado de bondade e onipotência e ao mesmo tempo permitir a existência do mal. Contudo tirar a inteligibilidade de Deus seria inaceitável para a tradição judaica, uma vez que mesmo que imperfeita, a compreensibilidade, é uma exigência. O conceito de bondade também é indispensável de ser atribuído a Deus, pois implicaria diretamente no agir moral de um Deus que como falamos anteriormente, se declina sobre a sua criação para dispensar seus cuidados de pai. Sendo assim, descartados as ideias de excluir os atributos de inteligibilidade de Deus e de sua bondade e, sem perder de vista o cenário catastrófico de Auschwitz, o conceito a ser abandonado, é a onipotência.

Depois de Auschwitz, podemos afirmar com mais força do que nunca que uma divindade onipotente ou teria que não ser boa ou (em seu governo do mundo, no qual podemos apenas “observá-lo”) totalmente ininteligível. Mas se Deus deve ser inteligível de alguma maneira e em certa medida (isso devemos sustentar), então sua bondade deve ser compatível com a existência do mal. E isso ocorre somente se ele não for todo-poderoso. Só então poderemos defender que ele é inteligível e bom, e ainda [assim que] há o mal no mundo. E uma vez que, de qualquer modo, consideramos duvidoso o conceito de onipotência, é ele que tem que ceder (JONAS, 2016, p.31).

Hans Jonas, acredita que é aceitável interpretar o livre arbítrio como uma concessão voluntária de Deus que pode ser desfeita a qualquer momento pois, este seria um poder que ele sempre possui por completo, mas por conta de escolher dá-lo a criação ele se priva desse poder. Mas que segundo o autor, em alguns casos fosse passível suspensão, como uma intervenção milagrosa para aquele momento. Contudo, para

Jonas, em Auschwitz isso não foi possível, o bom Deus não se manifestou, mas permaneceu em silêncio quando tudo acontecia. Os milagres que ocorrem lá dentro, para o autor, foram pura e exclusivamente mérito do homem somente, sem intervenção divina, sem milagres soterológicos. “[...] os feitos daqueles solitários, praticamente desconhecidos, “apenas das nações” que não se esquivaram do sacrifício total, a fim de ajudar, salvar ou mesmo mitigar, quando nada mais restava, até partilhar o destino de Israel” (JONAS, 2016, p.32).

Baseando-se nos acontecimentos contemporâneos, o mito Jonaseano, chega à conclusão, de que não é que Deus não quis intervir em tais acontecimentos, mas que este não poderia intervir, pois este Deus despojou-se voluntariamente do seu poder de interferir no curso físico das coisas. Ao apresentar a figura de um Deus que sofre e se deixa ser afetado pelas eventualidades do mundo, foge estritamente dos tradicionais ensinamentos judaicos, de um Deus que rege com mão forte e braço estendido, como os judeus recitam na páscoa recordando o êxodo do Egito.

Ao dizer que seu exercício especulativo se difere de uma parte dos ensinamentos da tradição judaica – presentes nos Treze artigos de fé, escritos por Maimônides – argumentando que essa contenção de Deus, diz respeito ao mundo físico, Jonas não exclui a possibilidade de uma conciliação de seu mito com outros aspectos da tradição judaica, como a ideia de eleição, a inspiração aos profetas e, principalmente a inabalável unicidade de Deus. Para Jonas, o permitir da liberdade humana dada por Deus, ocasionou uma renúncia do poder divino que nos levou a negar a onipotência de Deus. “Nenhum dualismo maniqueísta é chamado para explicar o mal; apenas do coração dos homens ele surge e ganha poder no mundo” (JONAS, 2016, p. 33).

O trabalho feito por Hans Jonas, era de tentar conciliar a existência de Deus com a realidade do acontecimento abominável de Auschwitz, e só o conseguiu fazê-lo com a ideia exposta de uma renúncia divina ao poder, sendo assim contrário a aclamação de Jó, que invocou a plenitude do poder de Deus, quando Jonas, invoca na verdade a escolha deste renunciar. Desta maneira, Jonas diz que, as duas concepções são aceitáveis, pois: “a renúncia divina foi feita para que nós, os mortais, pudéssemos existir. Esta me, também, assim me parece, é uma resposta a Jó: que nele o próprio Deus sofre” (JONAS, 2016, p.36).

Hans Jonas, finaliza seu ensaio, ressaltando a insuficiência de tudo o que foi exposto para desvendar a ideia de um Deus infinitamente bom e todo poderoso, que segundo ele, não pode ou não quer sanar o mal que habita no mundo: “qual é verdade, se houver, não podemos saber quanto a nenhuma das respostas já tentadas” (JONAS, 2016, p.36). e encerra dizendo que tudo isso não passa de balbucios diante de um mistério.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A estratégia traçada por Hans Jonas, no ensaio, O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia, para buscar filosoficamente uma reflexão que fosse capaz de explicar a coexistência de Deus e a crueldade do mal, principalmente após o catastrófico evento em Auschwitz. Na construção dessa narrativa, Hans Jonas, ao expor a fragilidade de Deus, acerca da sua onipotência, não serviu para legitimar de forma

alguma, a irracionalidade humana, mas sim para evidenciar a sua máxima responsabilidade ética com a totalidade da vida.

No mito criado por Hans Jonas, Deus ao criar o mundo, faz de tal modo que ele mesmo se insere totalmente no meio da sua criação, ele se fez sujeito ao devir humano, ou seja, ele quis se tornar vulnerável ao devir, em outras palavras, ele próprio abre mão do seu próprio ser, despoja-se de sua divindade, na esperança de recebê-la novamente ao final. Desta forma, com o devir do espírito humano, Deus ao conceder sua liberdade aos homens, acaba se tornando refém dessa liberdade, passando a ser influenciado pelos efeitos dos atos humanos, isto significa que, as realizações divinas estão agora sobre o risco e a inconstância do agir humano.

Quando é concedido o livre arbítrio ao homem, Deus coloca em suas mãos a responsabilidade de decidir moralmente o seu destino e, como Deus por livre escolha se declina a ser influenciado pelo devir natural, pela lógica, o ser de Deus também passa a ser decido moralmente assim com é do homem. Sendo assim, Deus passa a assumir os riscos dos efeitos dos comportamentos éticos dos homens. Assim podemos dizer então que, Deus sofre o bem e o mal da mesma forma que o homem sofre. Os atos humanos atingem Deus, não por este participar da divindade, mas por meio do modo como o homem moralmente responde pelos outros homens, deste modo, segundo Jonas, Deus é essencialmente atingido pelos atos morais do ser humano. Essa concepção pode ser ligada a ideia apresentada por Jonas em sua principal obra, O princípio da responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica, onde ele apresenta a ideia de que é preciso um novo agir ético do homem em meio ao crescimento constante das novas tecnologias que podem possibilitar a esses caminhos positivos de Crescimento, mas também pode ser usada como ferramenta de destruição: “[...] aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana sobre a terra” (JONAS, 2006, p.47).

Hans Jonas, se afasta da lógica das teodiceias, e coloca como principal característica a responsabilidade do agir do homem, ou seja, agora o homem passa a ter total e exclusiva responsabilidade sobre suas ações e, essa responsabilidade não pode em uma atitude covarde ser transferida para Deus quando é realizado algo terrível como o mal infligido em Auschwitz:

A ignominia de Auschwitz não pode ser imputada a uma providencia onipotente ou a uma necessidade dialética sabia, algo como um passo antiético e sinteticamente exigido que conduzisse a salvação. Nós, seres humanos, infligimos isto a deidade, como mordomos ineptos de sua causa; sobre nós tal ignominia pesa, e somos nós que devemos também limpar a vergonha de nossos rostos desfigurados, e até mesmo do próprio rosto de Deus (JONAS, 2010, p.59).

Portanto, na ideia apresentada pelo mito jonasiano, o ponto central que vai nortear todo o questionamento acerca da coexistência de Deus e do horror do mal, caminha em direção a responsabilização das ações humanas. Quando Deus concede ao homem o livre arbítrio, ele encarrega o homem de direcionar a sua própria existência, ou seja, o homem agora precisa escolher entre o bem e mal segundo o seu próprio discernimento, ao mesmo tempo Deus o encarrega de uma responsabilidade ética da criação, mas também do plano divino, fazendo do homem um guardião da criação.

Deste modo, nosso trabalho não procura ir contra a fé, contra as ideias judaico-cristão, mas sim procura levantar uma discussão sobre um tema que perpassa por todo tempo em nossas vidas e sempre colocamos a culpa em Deus e acabamos por esquecer que o homem precisa se responsabilizar pelos seus atos e aceitar as suas consequências.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus pelas graças derramadas em minha vida, que me fizeram chegar até aqui. Da mesma forma, gostaria de agradecer a minha família, que sempre estiveram comigo em todos os momentos de dificuldade me apoiando para nunca desistir. Presto também, meus agradecimentos ao Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Penha, que ao me acolher como seminarista, me concedeu a oportunidade de começar meus estudos acadêmicos que hoje estou concluindo. Gostaria ainda de agradecer meus amigos e irmãos: Davi, Gabriel, Matheus, Leonardo, Vitor e Marcilio, que sempre estiveram ao meu lado, como uma corrente de apoio nos momentos em que pensei desistir pelo caminho. Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer com o coração transbordante de alegria, ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Mukabi Misik Senga Pierre, que durante todo o percurso da minha vida tanto acadêmica, como pessoal e espiritual, sempre esteve me acompanhando e agora não foi diferente a quem devo muito e tenho muita admiração e respeito.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Alexandre Marques. Hans Jonas e a fragilidade de Deus: O elemento teológico da responsabilidade ética antropocósmica. **Cadernos Cajuína**, V. 2, N.1, 2017, p.3-17.

DIAS, Luiz Fernando Pires. Hans Jonas e a reflexão sobre Deus e ética após Auschwitz. **Último andar**, São Paulo, v. 26, nº. 41, 2023, p. 2-21.

JONAS, Hans. **Matéria, espírito e criação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JONAS, Hans. **O conceito de Deus Após Auschwitz: uma voz judia**. São Paulo: Paulus, 2016.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.